

O MORTO E A ROSA

A morte vai tranqüila em muitos rostos
O morto vai tranqüilo e entre rosas
No céu a ave qualquer traçou o adeus
Do chão sobe a canção que embala a angústia

E o morto vai secreto entre o silêncio
Seu corpo desce enfim à terra fértil
- pasto de vermes-desconhece a dúvida
Vai com ele a saudade feita rosas

que o embalam e fecham de silêncio
Uma rosa porém subreptícia
tombou: fugindo a ser socorro aos bichos

Uma rosa escapou aos pés monótonos
Uma rosa escapou aos dedos úmidos e
guarda em perfume o espírito do morto.

Que um dia quando pó forem meus nervos
e minha carne o adubo de uma rosa
e uma ave voar no meu silêncio
e tudo quanto fui seja memória,

quando água se façam meus pensamentos
e os desejos em nuvens se transformem
quando já nada reste de meus erros
e meu ser seja orvalho numa rosa,

possa ao menos alguém lembrar ao ler
o mais triste dos poemas, a sofrida
saudade de um bem que foi por ter

e, lembrando, ouça a música incoitada
da palavra comigo sepultada:
doce, nítida, pura, azul e alada.



O poeta Bandeira Tribuzi, em foto de Fernando Sá, para o suplemento "Sete Dias", comemorativo ao cinquentenário do poeta de Rosa da Esperança.

Eis o noturno vulto da viúva
e o choro irrimível dos meninos.
E is o talado campo - eis o talado
coração da anterior comunidade.
Que podem tenras mãos, maternas lágrimas
contra imundos poderes usurpados,
senão curvar-se à canga do poder
irrefreado dos usurpadores?
Eis o irmão corrupto, avaro e torvo,
rufando suas negras asas - corvo
de nunca mais amor nem alegria.
No campo profanado a noite enorme
e a fauce do homem devorando o homem:
lobo mordendo lágrimas e vidas!

AS VOZES

Polidas pedras, estreitas ruas,
velhos sobrados, velhas torres,
vosso sono é longe e atento:
guarda feitos, memórias, nomes;
guarda gemidos dos escravos
- fome de liberdade entre dores
guarda os passos firmes e eterno
dos santos e poetas maiores.

Vosso sono dorme por fora
mas é todo atenção por dentro:
sabe de cor velhas histórias,
lendas, verdades de outro tempo
sutil como as densas verdades,
imponderável como o vento.
Este sono é o espelho largo
de inúmeras faces impresso.

Quem conhece as noites de lua
e o mistério que ocultam vário,
já divisou como no espelho
da cidade o passado é claro:
quem pisa as calçadas da noite
ouve - rumor imaginário -
Bequimão com sua revolta,
Vieira e o verbo literário.

Vozes que falam de martírio,
de terror ou de obscuro medo,
vozes que murmuram poemas
ou que se escondem no silêncio
para conspirar liberdades
contra o duro trono avarento,
vozes puras como a cidade
cuja grandeza vence o tempo.

BANDEIRA TRIBUZI
(De. "Romanceiro da Cidade de
São Luís")

Bandeira Tribuzi numa das ruas da cidade por ele cantada
no seu "Romanceiro da Cidade de São Luís".

